

Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

Edwaldo Costa
(Organizador)



Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

Edwaldo Costa
(Organizador)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Comunicação: meios e mídias no contexto da pós-verdade

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Edwaldo Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: meios e mídias no contexto da pós-verdade /
Organizador Edwaldo Costa. – Ponta Grossa - PR:
Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-692-8

DOI 10.22533/at.ed.928210601

1. Comunicação. 2. Mídia. I. Costa, Edwaldo
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O e-book “Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade” reúne não apenas as possibilidades que o campo da Comunicação enseja, mas também os desafios que se erigem na/da sociedade contemporânea, marcada pelo crescente processo de midiaticização e conflitos simbólicos presentes nas redes sociais, numa época em que a pós-verdade assume lugar de destaque. A pós-verdade constitui-se como um neologismo cada vez mais usado na compreensão de fenômenos relacionados à percepção de mundo e às novas circularidades de informações/opiniões. Em 2016, o Dicionário Oxford elegeu o termo pós-verdade, ou *post-truth*, como a palavra do ano em língua inglesa. Segundo o dicionário, a expressão indica que a opinião pessoal ou pública é mais suscetível às emoções e crenças preestabelecidas do que aos fatos objetivos. Os textos apresentados nesta coletânea foram produzidos por pesquisadores brasileiros, chilenos, colombianos e espanhóis em resposta às demandas da comunidade científica. Trata-se de uma obra transdisciplinar que versa sobre comunicação, jornalismo ético, democracia, produção radiofônica, *clusters*, educação ambiental, cultura, consumo, políticas da vida, controle social, comercial, estratégias de marca, direito a comunicação, liberdade de imprensa, *packaging*, posicionamento de marca, práticas de consumo noticioso, métodos qualitativos, política feminista nas redes sociais, *street papers*, educação inclusiva, cidadania, comunicação ambiental, ressignificação, *fake news*, semiótica e teoria dos atos de fala.

A ideia da coletânea é simples: propor análises e fomentar discussões sobre a comunicação a partir de diferentes pontos de vista: político, educacional, filosófico e literário. Como toda obra coletiva, também esta precisa ser lida tendo-se em consideração a diversidade e a riqueza específica de cada contribuição. Por fim, sabemos o quanto importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora, capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para que estes pesquisadores exponham e divulguem seus resultados.

Prof. Dr. Edwaldo Costa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

JORNALISMO ÉTICO, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E CREDIBILIDADE: DILEMAS DO
PROFISSIONAL DE JORNALISMO NAS MÍDIAS SOCIAIS

Edwaldo Costa

Marcos Simas

DOI 10.22533/at.ed.9282106011

CAPÍTULO 2..... 14

SEMIÓTICA E A TEORIA DOS ATOS DE FALA: UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA PARA
O PROBLEMA DAS *FAKE NEWS*

Anderson Vinicius Romanini

Márcia Pinheiro Ohlson

DOI 10.22533/at.ed.9282106012

CAPÍTULO 3..... 24

PARTILHAR COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A CIDADANIA EM
REDE

Márcia Marques

Alzimar Rodrigues Ramalho

Tatyane Mendes Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.9282106013

CAPÍTULO 4..... 35

DERECHO A LA COMUNICACIÓN: UN DERECHO COMPLEJO

Bernardo Alfredo Hernández Umaña

DOI 10.22533/at.ed.9282106014

CAPÍTULO 5..... 42

ENTRAMADO DE PRÁCTICAS DE CONSUMO NOTICIOSO ENTRE LOS JÓVENES:
MÉTODOS CUALITATIVOS PARA A RECOLECCIÓN DE DADOS

Constanza Gajardo León

Tabita Moreno Becerra

DOI 10.22533/at.ed.9282106015

CAPÍTULO 6..... 57

ENTRE DICOTOMIAS E SILENCIAMENTOS: O FAZER POLÍTICO FEMINISTA NAS
REDES SOCIAIS

Mayara Larissa Benatti da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9282106016

CAPÍTULO 7..... 67

RESSIGNIFICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS: DE “VIVER É A MELHOR CONEXÃO” PARA
“VIVER É A MELHOR CONEXÃO... INTERROMPIDA”, UM ESTUDO DE CASO SOBRE A
REPERCUSSÃO DO FILME PUBLICITÁRIO DA MARCA VIVO

Thiago Silva dos Reis

DOI 10.22533/at.ed.9282106017

CAPÍTULO 8..... 75

DIFERENÇAS CONCEITUAIS SOBRE O CONSUMO NO FILME SEX AND THE CITY E NAS ESTRATÉGIAS DA MARCA ORNA

Julia Corrêa Borges dos Santos

Iris Yae Tomita

DOI 10.22533/at.ed.9282106018

CAPÍTULO 9..... 88

DEPOIS EU É QUE SOU ATRASADA? CONTROLE SOCIAL NO COMERCIAL “AVÓ” DE HAVAIANAS

Carla de Araujo Risso

DOI 10.22533/at.ed.9282106019

CAPÍTULO 10..... 99

EL *PACKAGING* COMO ELEMENTO DE POSICIONAMIENTO DE MARCA EN EL ACEITE DE OLIVA VIRGEN EXTRA *GOURMET*

Alba Merino Cajaraville

DOI 10.22533/at.ed.92821060110

CAPÍTULO 11..... 112

CLUSTER COMUNIDADE DE MEDELLÍN. DO DISCURSO DA GUERRA AO DA COLABORAÇÃO

Mónica Valle

María Teresa Herrera Echavarría

DOI 10.22533/at.ed.92821060111

CAPÍTULO 12..... 122

“JUVENTUDE EM PAUTA”: EXPERIÊNCIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NUM PROGRAMA RADIOFÔNICO

Luiza Tirelli Rehbein

Emy Francielli Lunardi

DOI 10.22533/at.ed.92821060112

CAPÍTULO 13..... 134

ODETE PACHECO, A DESBRAVADORA DO RÁDIO ALAGOANO

Ricardo José Oliveira Ferro

José Wagner Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.92821060113

CAPÍTULO 14..... 144

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAIS: REFLEXÕES SOBRE CULTURA, IDENTIDADE, CONSUMO E CIDADANIA

Melissa Heberle Diedrich

DOI 10.22533/at.ed.92821060114

CAPÍTULO 15.....	156
OS DESAFIOS NA COMUNICAÇÃO SOBRE ATRIBUTOS AMBIENTAIS E ECONÔMICOS DE PROJETOS DE ENERGIA ELÉTRICA	
Ana Lucia Rodrigues da Silva	
Fernando Amaral de Almeida Prado Junior	
DOI 10.22533/at.ed.92821060115	
CAPÍTULO 16.....	177
OS (DES) CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DO SUJEITO SURDO NA AMAZÔNIA PARAENSE	
Raimunda Berenice Pinheiro Cardoso	
Paulo Jorge Martins Nunes	
Ivone Maria Xavier de Amorim Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.92821060116	
CAPÍTULO 17.....	189
O "STREET PAPER OCAS" NA AVALIAÇÃO DE SEUS LEITORES	
Franklin Larrubia Valverde	
Marília Gomes Ghizzi Godoy	
Rosemari Fagá Viégas	
DOI 10.22533/at.ed.92821060117	
CAPÍTULO 18.....	198
COMA E UTI: POLÍTICAS DA VIDA	
Verusk Arruda Mimura	
DOI 10.22533/at.ed.92821060118	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	208
ÍNDICE REMISSIVO.....	209

CAPÍTULO 18

COMA E UTI: POLÍTICAS DA VIDA

Data de aceite: 04/01/2021

Data de submissão: 16/10/2020

Verusk Arruda Mimura

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo, SP

<http://lattes.cnpq.br/6591062577568351>

RESUMO: Como existem muitas dúvidas em relação ao que ocorre com o paciente em coma, precisamos aprender outros meios de percebê-los. O presente artigo busca evidenciar que atualmente estudos sobre o estado de coma buscam “novas” possibilidades, ou seja, terapias nunca experimentadas para acessar os pacientes nesse estado. Essa atitude vem na contramão da hegemonia dos biopoderes presentes nas instituições totais relatadas por Goffman (2010) relacionada aqui especificamente ao texto de Dunker (2014) em paralelo a UTI. A minha proposta de trabalho consiste em estudar a comunicação do paciente em coma por meio do estudo das manifestações fisiológicas dos pacientes na unidade de terapia intensiva e suas possíveis respostas comunicativas por meio do estímulo olfativo.

PALAVRAS-CHAVE: Coma, UTI, Olfato.

COMA AND ICU: POLICIES LIFE

ABSTRACT: As there are many doubts about what happens to the patient in a coma, we need to learn other ways to notice them. This article

seeks to show that currently studies on the state of coma seek “new” possibilities - therapies never tried to access patients in that state. This attitude goes against the hegemony of biopowers present in the total institutions reported by Goffman (2010) related in specifically to Dunker’s text (2014) in parallel to the ICU. My work proposal consists of studying the communication of the patient in a coma through the study of the physiological manifestations of the patients in the intensive care unit and their possible communicative responses through the olfactory stimulus.

KEYWORDS: Coma, UCI, Sense of Smell.

1 | INTRODUÇÃO

A unidade de terapia intensiva é destinada ao atendimento de pacientes hemodinamicamente instáveis. O conhecimento da equipe multidisciplinar, associado ao desenvolvimento tecnológico aumentou a efetividade terapêutica: recuperação e sobrevivência.

A atualização de softwares disponibiliza atualmente uma variedade monitores que permitem a mensuração constante dos sinais vitais, estado hemodinâmico e função respiratória. Para melhor compreensão podemos comparar a possibilidade de monitorização não invasiva (manômetros de água, monitorização intermitente) e invasiva (transdutores, monitorização contínua). Impulso mecânico é transformado em impulso elétrico. Onda de pressão intravascular diafragma do

transdutor transforma o impulso mecânico em impulso elétrico. A observação sistematizada das variáveis fisiológicas possibilita a orientação diagnóstica e terapêutica.

Os autores Coronetti et al. (2006) ressaltam que dentre os serviços de urgência dos hospitais encontra-se a Unidade de Terapia Intensiva, que objetiva concentrar recursos humanos e materiais para o atendimento de pacientes graves que exigem assistência permanente, além da utilização de recursos tecnológicos apropriados para a observação contínua das condições vitais dos mesmos para a intervenções em situações de emergência.

A implantação de uma Unidade Terapia Intensiva segura é um esforço de toda a equipe, é o resultado de uma cooperação em todos os níveis (Associação de Medicina Intensiva Brasileira, 2010).

Um paciente crítico necessita em média de mais de 170 intervenções diferentes por dia, realizadas, muitas vezes de forma repetitiva e por diferentes equipes ou especialidades.

Embora o grau de complexidade e o tempo necessário para completar cada uma das tarefas variem bastante entre um paciente e outro, elas estão sujeitas a eventos adversos, por causa das diferentes formações e percepções técnicas, natural limitação da memória humana, dificuldade em manter atenção permanente, fadiga, estresse, pressão permanente, dentre outros fatores (Associação de Medicina Intensiva Brasileira, 2010).

A circulação de profissionais no setor é restrita, sendo permitido o fluxo apenas dos que lá atuam. Por esse motivo a unidade é denominada um setor fechado, o que torna os profissionais suscetíveis a desgastes emocionais. Nesse sentido, cito Dunker (2015) sobre a lógica do condomínio, onde o autor traz aspectos peculiares da vida por de trás dos muros, aspectos estes pautados numa razão higienista, que remove do cenário tudo aquilo considerado inadequado, transgressor. Os jardins hermeticamente organizados sem os muros separando as residências, as pavimentações das ruas e o excesso de placas de sinalização, algo surreal. A unidade de terapia intensiva responde perfeitamente a essa lógica do condomínio. Para as pessoas externas que visitam a UTI, a impressão de ordem e funcionalidade são irreprováveis. Mas assim como nos condomínios emerge a questão: o que realmente fica por de trás dos muros?

Dunker (2015) aponta situações reais que permeiam a vida nos condomínios como, por exemplo, as desobediências de trânsito e as desavenças entre vizinhos. Na unidade de terapia intensiva os problemas também são reais, como a não adesão à lavagem das mãos, o estresse em virtude da poluição sonora oriunda dos equipamentos, a sobrecarga de trabalho, o relacionamento interpessoal dificultado, dentre outros (Não trataremos exatamente desta questão aqui, mas torna-se interessante a referência à palestra “Moral Distress: insights from stories in the PICU” de Daniel Garros, MD, e Wendy Austin, PHD da Universidade de Alberta, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61Y8nKVEVws>.

Essas situações na UTI assim como no condomínio tendem a se tornar maiores por de trás dos muros. Em ambos temos uma autoridade que organiza e gerencia para que tudo realmente caminhe na mais perfeita ordem, no condomínio, o síndico; na UTI,

o coordenador da unidade, função normalmente desempenhada pelo enfermeiro. Ambos responsáveis pela manutenção do ambiente. Para tal temos o regulamento, as normas e rotinas. Um estilo de vida quase que total, que nos remete o trabalho de Goffman (2010), que realizou estudos de comportamento em enfermarias dos Institutos Nacionais do Centro Clínico de Saúde em Bethesda, Maryland, Estados Unidos. Sua obra “Manicômios, Prisões e Conventos”, foi resultado de um estudo de três anos, que teve como objetivo conhecer e perceber o mundo vivenciado e percebido por pacientes internados em instituições totais através da observação de fenômenos comunicativos de determinado grupo através da interação.

De acordo com Goffman (2010), as instituições totais são enumeradas em cinco agrupamentos que se seguem:

- Primeiro: instituições destinadas a cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si e inofensivas (hospitais, asilos, orfanatos, abrigos);
- Segundo: instituições destinadas a cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si e que se constituem em uma ameaça à sociedade de modo não intencional (hospitais psiquiátricos e infectocontagiosos);
- Terceiro: instituições destinadas a proteger a sociedade, abrigando pessoas que constituem risco intencional para a mesma (penitenciárias);
- Quarto: instituições com a missão de realizar de modo sistemático uma determinada tarefa (quartéis, internatos escolares, campos de trabalho, empresas);
- Quinto e último agrupamento: instituições que servem como refúgio do mundo (conventos e mosteiros).

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência, internação ou trabalho, onde um grande número de indivíduos em situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (GOFFMAN, 2010, p. 11)

Segundo Dunker (2015) os precedentes mais claros dos atuais condomínios são os hospitais psiquiátricos expandidos em meados do século XIX. Nesses ambientes excluindo os sinais aparentes de loucura e pobreza o que resta é um protótipo de um condomínio arborizado, repleto de locais para meditação, centros de cuidado e tratamento, regulamentos e rota de circulação.

O apelo à vida em forma de condomínio baseia-se, como os antigos leprosários e hospícios, na promessa de recuperação e reconstrução da experiência perdida. A antiga noção de cura não tem outro sentido que não a de reencontro de um lugar. Talvez não seja por outro motivo que não se possa associar a nova vida em condomínio com nenhuma expressão artística ou cultural relevante. A distante relação com o pós-modernismo como estilo arquitetônico pode ser reduzida ao pastiche de paródias involuntárias, citações invertidas

autoironias mal escolhidas. Isso por si só já seria uma exceção, tendo em vista a recorrência histórica entre transformações urbanísticas e criação estética. A lógica do condomínio tem por premissa justamente excluir o que está fora de seus muros; portanto, no fundo, não há nada para pensar na tensão entre esse local murado e seu exterior. (DUNKER, 2014, p.52).

O momento da admissão para “dentro dos muros” dá início a uma transição da vida exterior para a interior; o confinamento espacial e social constitui a primeira mutilação do eu, a barreira imposta pelas instituições totais entre o internado e o mundo externo. Na institucionalização forçada ou por iniciativa própria do sujeito, o processo de mortificação do eu se dá da mesma forma pela adaptação às novas regras institucionais (GOFFMAN, 2010).

Além do próprio nome, os bens individuais estabelecem uma relação com o eu, um conjunto de identidade, e a pessoa geralmente espera exercer o controle sobre eles para poder se apresentar diante do outro ou dos outros (GOFFMAN, 2010).

Menezes (2007) nos chama a atenção no sentido de que temos disponível um arsenal tecnológico que pode tornar possível os processos de vinculação ou ao mesmo tempo nos distanciar dele. Parar o mesmo autor, o risco de incomunicação está presente tanto na comunicação direta como na comunicação mediada por equipamentos; pautados nesta ideia percebemos que o que vai assumir um caráter significativo é a disponibilidade do outro no processo de comunicação. Nessa ótica, Sibilia (2015) ressalta:

Entretanto, não é novo o sonho de compatibilizar o par corpo/mente – que, à luz da mais reluzente tecnociência atual, ainda parece constituir os seres humanos – com o par *hardware/software* dos computadores. Após várias décadas inspirando a ficção científica, essa possibilidade começou a se realizar em projetos como os que se propunham a criar redes neurais artificiais capazes de imitar eletronicamente o funcionamento cerebral, deslançados na década de 1990. Certo vocabulário utilizado para divulgar tais descobertas tecnocientíficas, cravejado de metáforas muitas vezes naturalizadas e coladas à verdade, abriu o caminho para se pensar uma interação realmente carnal com os aparelhos informáticos. Assim como ocorreu com a cristalização literal de noções como as de códigos genéticos, letras químicas, instruções biológicas e programação celular, entende-se que o contato entre os neurônios, por exemplo, consiste em transmissões efetuadas por meio de impulsos eletrônicos e que nessas trocas ocorrem transferências de informação.

Voltando a Goffman (2010), para que a comunicação ocorra entre os sujeitos se faz necessária à interação; é isso que viabiliza o processo de cuidar, em seu sentido mais amplo.

O homem hoje desenvolveu para o que costumava fazer com o seu corpo, extensões ou prolongamentos desse mesmo corpo o que podemos facilmente observar através do avanço tecnológico de modo geral, não sendo diferente na área da saúde (MCLUHAN; FIORE, 1971).

Desta forma, destacamos a importância da comunicação na área da saúde como interação, decorrente da assistência direta dispensada aos pacientes por parte da equipe de enfermagem, que pode acontecer de diversas maneiras, dependendo do tipo de comunicação utilizada, por meio de canais espalhados pelo corpo. Ao mesmo tempo é imprescindível se atentar ao distanciamento que pode se estabelecer devido à mecanização da assistência, conseqüentemente à falta de humanização, associada às barreiras que constituem o dia a dia dos profissionais da área da saúde (PRADO; PERES; LEITE, 2011).

A Enfermagem é considerada a arte e a ciência de cuidar de pessoas; para tal fato a importância e a valorização do processo de interação entre quem cuida, e quem recebe o cuidado, torna-se imprescindível, pois propicia a troca de informações.

Os pacientes admitidos na UTI apresentam, dentre outros diagnósticos de enfermagem, a comunicação verbal prejudicada, o que faz com que os profissionais considerem dificultoso o processo de interação com esses pacientes (ZINN; SILVA; TELLES, 2003).

A interação propicia respeito à individualidade dos pacientes e pode auxiliar na identificação de possíveis formas de comunicação que podem ser utilizadas durante a internação (ZINN; SILVA; TELLES, 2003). Não podemos afirmar o quanto esses pacientes são capazes de nos ouvir, mas considerando as possibilidades, precisamos, no mínimo, nos preocupar com o que falamos ao redor deles (PUGGINA; SILVA, 2009).

Já os familiares dos pacientes que se encontram na UTI vivenciam o problema da falta de orientação sobre as condições em que os pacientes se encontram e isso abala a relação naquele momento tão importante para ambas as partes. A falta de comunicação entre a enfermagem e a família se relaciona à dificuldade e complexidade do dia a dia na UTI. Nesse sentido, a enfermagem acaba se esquecendo de dispensar apoio à família.

O paciente internado na UTI passa por processos de ruptura, mesmo que temporária, com seu meio externo, ou seja, é condicionado a se adaptar às rotinas da UTI, ter seus hábitos interrompidos e ficar a maior parte do tempo longe de seus familiares, pessoas de seu convívio diário, sendo a própria patologia um fator que dificulta o processo de adaptação (VILLA; ROSSI, 2002).

Goffman (2010) relata que os pacientes desenvolvem micro relações com o ambiente e com as pessoas com quem passam a conviver. Essas relações são permeadas por toda a história de vida dos internos e, na maioria das vezes, os profissionais desconhecem essa vinculação.

Os autores Pretos e Pedrão (2009) citam a dificuldade em aceitar a morte, um dilema ético e profissional vivenciado pelos profissionais de saúde da área de enfermagem. Tal dificuldade pode dificultar a interação e o reconhecimento dessas micro relações, pois podem se constituir num mecanismo de defesa utilizado pelo profissional.

Tanto os enfermeiros como os pacientes da UTI são cercados por tecnologia avançada que embora sejam essenciais para salvar vida, podem tornar o ambiente

agressivo (SOUZA et al., 2006)

Em relação aos equipamentos os autores Shonwke, Filho, Lunardl et al. (2010) ressaltam que embora indiscutivelmente sejam a espinha dorsal das unidades de terapia intensiva, garantindo o suporte avançado de vida pretendido ao paciente em estado crítico, remetem responsabilidades importantes aos enfermeiros em programar esses equipamentos, bem como ajustar seus parâmetros, alarmes e supervisionar seu funcionamento.

De um lado, as máquinas nos dão a sensação de controle, de precisão; do outro lado elas nos limitam nas possibilidades de encontrar caminhos novos como cita Carr (2014):

Nossa susceptibilidade em relação à complacência e às tendências explica como uma confiança na automação pode levar a erros tanto na forma de delegar como na de omitir. Nós aceitamos e agimos de acordo com informações que acabam por se mostrar incorretas ou incompletas, ou nós deixamos de ver coisas que deveriam ser vistas. Mas, o modo como uma confiança em computadores enfraquece o ato de se estar consciente e a atenção também aponta para um problema mais insidioso. A automação tende a nos transformar de atores em observadores. Em vez de manipular os controles, nós olhamos a tela. Esta mudança pode tornar nossa vida mais fácil, mas isto pode também inibir nossa habilidade de aprender e de desenvolver competências. Ainda que a automação aumente ou rebaixe nossa atuação numa dada tarefa, ao longo do tempo ela pode diminuir nossas habilidades existentes ou evitar que possamos adquirir novas habilidades (tradução livre).

O autor David Rose em *Enchanted Objects*, 2015 traz uma tendência contemporânea de procurarmos saídas mais orgânicas em contrapartida com nossa vida tecnológica, rápida e que sacrifica o equilíbrio em função da eficiência. Esta ideia reforça a proposta do presente estudo, ao relatar a UTI como um ambiente hiper tecnológico, onde o que se busca tradicionalmente é o controle eficiente sobre todas as manifestações corporais possíveis; nossa proposta vai num sentido complementar, pesquisando o sentido olfativo como uma possibilidade de acessar o mapa neural da consciência nos pacientes ditos inconscientes:

As tendências na gastronomia revelam uma outra fantasia emergente: o desejo pelo devagar (*slow*). (...) Este impulso leva a uma série de novos objetos encantados que restabelecem a quietude. A Sociedade de Redução de Ruído do Reino Unido, uma organização sem fins lucrativos, dedicada ao combate da poluição sonora, introduziu o *Quiet Mark*, um programa que oferece um selo de aprovação, para certificar objetos que se encaixem nesta direção. (...) No mundo inquieto de hoje, as pessoas cada vez mais querem ser capazes de criar quietude. Nós queremos tranquilidade à disposição, silêncio quando estalamos os dedos, e produtos e serviços que possam fazer seu trabalho silenciosamente e com grande sutileza.

Podemos ver este impulso refletido outra vez no eterno desejo nas pessoas em infundir a natureza – sua calma e trégua - em suas cidades, lares, e lugar de trabalho. Queremos fugir das pressões, da poluição, do ruído, do trânsito,

e outras agressões da vida cotidiana.

1.1 Coma

O coma (do grego *kôma* = sono profundo) pode ser definido como estado de perda total ou parcial da consciência, da motricidade voluntária e da sensibilidade, ocasionado devido a lesões cerebrais, intoxicações, problemas metabólicos e endócrinos. Nesse estado, dependendo da gravidade, as funções vitais são mantidas em maior ou menor grau. A inconsciência, característica típica do coma, é uma condição em que o paciente não responde aos estímulos ambientais e não está ciente deles. O termo é usualmente reservado para a falta de responsividade de curta duração (vai de momentânea a várias horas). Complementando nossa definição, o coma é um estado clínico de inconsciência, no qual o paciente não está ciente de si mesmo ou do ambiente durante períodos prolongados (dias a meses ou, até mesmo, anos). As causas de inconsciência ou coma podem ser neurológicas (traumatismo craniano, acidente vascular cerebral), toxicológicas (overdose de drogas, intoxicação etílica) ou metabólicas (insuficiência hepática ou renal, cetoacidose diabética) (SHAWN, 2002).

Quando fisiológico, o estado de coma pode ser mensurado com a utilização da Escala de Coma de Glasgow (ECGI) e, quando farmacológico, pela Escala de Sedação de Ramsay (ESR) (PUGGINA; SILVA, 2009).

Diante das definições acima vale ressaltar que a neurociência e os conceitos de consciência buscam incansavelmente estabelecer relações entre a experiência subjetiva e processos físicos do cérebro (BUENO, 2002).

De acordo com Miranda (2002) do ponto de vista anatômico, o crânio compreende uma caixa óssea que se constitui num arcabouço que protege a parte do SNC denominada encéfalo e que abrange o cérebro, cerebelo, pedúnculos, a protuberância e o bulbo.

Do cérebro originam-se aproximadamente 40.000 km de nervos responsáveis por sistema de comando e controle invejável. O bulbo raquiano representa o segmento ascendente do SNC que continua com a medula espinhal que se comunica com a ponte (MIRANDA, 2002).

1.2 Importância da comunicação com os pacientes em coma

A percepção auditiva dos pacientes em coma, tanto fisiológico como induzido, em relação à comunicação verbal ao seu redor, foi muito questionada e, até hoje, mesmo com os avanços da medicina e da neurociência, ainda não temos uma resposta precisa sobre o que acontece na mente desses pacientes durante a experiência de estar em coma (PUGGINA, 2006).

Para o homem, os sons têm uma função indicativa em relação à visão e o tato, que assumem uma relação estrutural (PLESSNER, 1977).

Já para Herder (1977 apud PLESSNER, 1977), a audição atua como sentido

intermediário. O tato nos coloca em contato com o meio externo; a visão nos coloca em contato com o distante, sendo a audição a verdadeira porta para a alma, o elo com os outros sentidos. A audição parece ser o último sentido perdido. Tal afirmação pode ser sustentada pelos relatos de pessoas que retornaram desse estado. A maioria descreve dados sensoriais auditivos, como sons, palavras, frases, vozes familiares etc, percebidos durante a permanência em coma. Por isso, é extremamente importante cuidar do ambiente sonoro em que o paciente está inserido, bem como das conversas paralelas ao lado do leito e da própria comunicação com o paciente, principalmente antes da realização de qualquer procedimento (PUGGINA, 2006).

Relatórios recentes confirmam as limitações das análises clínicas convencionais no estabelecimento de diagnóstico e prognóstico de pacientes com DOC (*disorders of consciousness*). As novas técnicas de imagens cerebrais demonstraram inconsistências nas análises clínicas e são aliados valiosos na confirmação ou na refutação de diagnósticos clínicos, fornecendo informação diagnóstica adicional. No momento, as evidências disponíveis não garantem o uso de análise de imagens funcionais em cuidados de rotina para todos os pacientes. Estas análises podem demonstrar apenas correlatos neurais das funções cognitivas. Entretanto, o valor de pesquisa de tais técnicas para melhor objetivar os diagnósticos e prognósticos está sendo a cada dia mais reconhecido.

Como existem muitas dúvidas em relação ao que ocorre com o paciente em coma, precisamos aprender outros meios de percebê-los.

A disciplina cursada examina as políticas da vida que se contrapõem às políticas sobre a vida praticadas pelos biopoderes hegemônicos contemporâneos, considerando os dispositivos comunicacionais em que tais políticas se difundem. Nesse recorte, vida pressupõe cooperação social, produção material e imaterial, formas de coletividade, produção de subjetividade, cognição e afeto, o que significa que vida e corpo não podem ser reduzidos a processos biológicos e econômicos. Nesse sentido a disciplina contribuiu significativamente com a minha proposta de trabalho que se consiste em estudar a comunicação do paciente em coma por meio do estudo das manifestações fisiológicas dos pacientes na unidade de terapia intensiva e suas possíveis respostas comunicativas por meio do estímulo olfativo, entendido como construção de vínculos, considerando o corpo como mídia e texto. Mídia: pelo fato de ser portador de comunicação, sendo por isso um meio. Texto: por apresentar sinais que podem ser interpretados pelos profissionais da área de enfermagem que prestam cuidados integrais a estes pacientes. A enfermagem é a ciência que trata do sistema de relacionamentos das respostas humanas nos aspectos envolvendo saúde/doença nos domínios biológico, comportamental, social e cultural. Tem como base do seu trabalho as relações humanas, sejam elas com os pacientes ou com a equipe multidisciplinar; por isso a comunicação é ponto chave em seu exercício. Nesse sentido, julgamos relevante conduzir estudos que aproximem a enfermagem do seu objeto de trabalho, que vai além do corpo propriamente dito, se estendendo ao

universo da comunicação. O objetivo do meu estudo será identificar, a partir de um estímulo olfativo, indícios prováveis do processo de comunicação do paciente em coma através da leitura e interpretação de possíveis alterações dos sinais vitais como frequência cardíaca, percentual de saturação de oxigênio no sangue, respiração, pressão arterial e temperatura ou sinais subjetivos emitidos pelo corpo por meio de expressões faciais e corporais, caso o paciente venha a apresentar. A relação da comunicação através do corpo será pensada à luz de Bystrina relacionando os códigos hipolinguísticos à ontogênese contínua, associada à adaptação ao meio, pautados nos princípios de ambiência, vinculação e projetividade de Baitello Junior e no conceito de percepção corporal de Maurice Merleau-Ponty e Goffman, acerca do confinamento do paciente ao seu próprio inconsciente, perdendo o vínculo com o mundo externo, dentre outros autores.

A amostra será constituída por pacientes que apresentem o quadro clínico de coma fisiológico, mensurado pela escala de coma de Glasgow, e coma induzido, mensurado pela Escala de Sedação de Ramsay. O paciente será submetido a sessões de estimulação olfativa diária, totalizando cinco sessões administradas em horários que não coincidam com o horário de visitas. Os resultados desta pesquisa poderão contribuir para identificação de possibilidades de estabelecimento de um processo de comunicação com os pacientes em coma

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO DE MEDICINA INTENSIVA BRASILEIRA (AMIB). **GUTIS: Guia da UTI Segura**. 1ª Ed. São Paulo. 2010. Disponível em: http://static.hmv.org.br/wp-content/uploads/2014/07/Orgulho_GUTIS.pdf. Acesso em: 24-09-2015.

BUENO, J. L. O. **A consciência como “ponto de partida”**. Padéia, v.12, n. 22, p. 83-87, 2002.

CANADIAN ASSOCIATION OF PAEDIATRIC HEALTH CENTRES. (13 de Março de 2013). **Moral distress: Insights from stories in the PICU [arquivo de vídeo]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61Y8nKVEVws>.

CARR, N. **The Glass Cage**. Norton & Company, Inc., New York, NY, 2014.

CORONETTI, A.; NASCIMENTO, E. R. P.; DA BARRA, D. C. C.; MARTINS, J. J.; **O estresse da equipe de enfermagem na unidade de terapia intensiva: o enfermeiro como mediador**. Arquivos Catarinenses de Medicina, 2006, 35-4.

DUNKER, C. I. L.; **Mal estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros**. 1 ed-SP: Boitempo, 2015. (Estado de sítio).

Ementa da disciplina Políticas da Vida e Construção de Corpos: o corpo no tempo da internet das coisas. **Área de Concentração: Signo e Significação nas Mídias**. Linha de Pesquisa: Dimensões Políticas na Comunicação. Professora Dra. Helena Katz, 2016.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

JOX, R. J., BERNAT, J. L.; LAUREYS, S.; RACINE, E. **Disorders of consciousness: responding to requests for novel diagnostic and therapeutic interventions**. *Lancet Neurol* 2012; 11: 732–38.

MCLUHAN, M., FIORE, Q. **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MENEZES, J. E. O. **É preciso resgatar a cultura do ouvir**. São Paulo: Annablume, 2007.

MIRANDA, E. E. **Corpo território sagrado**. São Paulo: Loyola, 2002.

PLESSNER, H. **Antropologia dos sentidos**. In: GADAMER, H.G.; VOGLER, P. *Nova antropologia: o homem em sua existência biológica, social e cultural*. São Paulo, EPU, 1977. v.7.

PRADO, C.; PERES, H. H. C.; LEITE, M. M. J. **Tecnologia da informação e da comunicação em enfermagem**. São Paulo: Atheneu, 2011.

PRETO; V. A., PEDRÃO; L. J. **O estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva**. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*. *Rev. Esc. Enferm. USP*. São Paulo Dec. 2009. 43;4 .

PUGGINA, A. C. G.; SILVA, M. J. P. **Sinais vitais e expressão facial de pacientes em estado de coma**. *Rev. Bras. Enferm*, Brasília, v.62, n.3, p. 435-441, 2009.

PUGGINA, A. C. G. **O uso da música e de estímulos vocais em pacientes em estado de coma: relação entre estímulo auditivo, sinais vitais, expressão facial e escalas de coma de Glasgow e Ramsay**. 157f. Dissertação de mestrado em Enfermagem em saúde do adulto. Escola de enfermagem da universidade de São Paulo, 2006.

ROSE, D. **Enchanted Objects**. Edition April, 2015. First Scribner, New York, NY.

SHONWKE, FILHO, LUNARDL ET AL. **Perspectivas filosóficas do uso da tecnologia no cuidado de enfermagem em terapia intensiva**. *Rev Bras Enferm*, Brasília 2011 jan-fev; 64 (1): 189 -92

SHAWN, M. M. In: BARE, B. G.; SMELTZER, S. C. BRUNNER, SUDDARTH. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. v. 2.

SIBILIA P. **O homem pós-orgânico: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais**. 2 ed. RJ. Contraponto, 2015.

SOUZA, S. R. O. S.; SILVA, C. A.; MELLO, U. M.; FERREIRA, C. N. **Aplicabilidade de indicador de qualidade subjetivo em Terapia Intensiva**. *Rev Bras Enferm* 2006 mar-abr; 59(2): 201-5.

VILA, V. da S. C.; ROSSI, L. A. **O significado cultural do cuidado humanizado em unidade de terapia intensiva: “muito falado e pouco vivido”**. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*. 2002; 10 (02): 137 – 144.

ZINN, G. R.; SILVA, M. G.P.; TELLES, S. C. R. **Comunicar-se com o paciente sedado**. *Ver Latino-Am Enfermagem*. 2003 jun. São Paulo, 11 (3): 326-32

SOBRE O ORGANIZADOR

EDWALDO COSTA - Pós-Doutor em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (ECA/USP), Departamento de Jornalismo e Editoração (2019). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2014. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Marília (2008) e especialista em Informática na Educação (2006), pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Concluiu graduações em Comunicação Social/Jornalismo e Ciências da Computação. Atuou como professor de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), no Centro Universitário Toledo de Araçatuba e na União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo. Coordenou o curso de Especialização em “Inteligência Estratégica”, da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra em Mato Grosso (ADESG-MT) e também supervisionou projetos de pesquisa e extensão com apoio da FAPEMIG e CAPES. Foi professor orientador (bolsista CAPES) de Trabalho de Conclusão de Curso na Especialização em Atendimento Educacional Especializado (AEE), desenvolvido pelo Departamento de Educação Especial da FFC/UNESP/Marília-SP, em parceria com a SEESP/MEC e UAB (Universidade Aberta do Brasil). Na prática profissional, trabalhou em órgãos de imprensa nacional e internacional. Entre as principais coberturas jornalísticas estão: a Copa das Confederações (2013); a Copa do Mundo (2014); a Operação Acolhida-Venezuelanos (2019) e a Inauguração da Estação Antártica Comandante Ferraz (2020). Atualmente, o organizador do e-book é membro efetivo da Academia de Letras do Brasil-DF e cursa o segundo pós-doutorado na Daphne Cockwell School of Nursing - Ryerson University – Canadá, além de atuar como jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha, em Brasília.

ÍNDICE REMISSIVO

C

Cidadania 24, 25, 27, 29, 32, 33, 86, 127, 144, 148, 149, 150, 151, 155, 164, 177, 189, 190, 192, 196

Clusters 112, 113, 114, 116, 117, 119, 120

Comunicação 2, 1, 2, 4, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 17, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 54, 59, 67, 68, 69, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 95, 98, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 132, 133, 134, 140, 142, 144, 146, 148, 149, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 166, 167, 168, 171, 173, 175, 177, 184, 186, 189, 190, 191, 194, 196, 198, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208

Consumo 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 105, 106, 109, 129, 144, 145, 150, 151, 152, 155, 196

Controle social 26, 31, 33, 88, 97

Cultura 25, 27, 34, 35, 41, 43, 55, 59, 61, 69, 74, 80, 91, 95, 98, 106, 108, 112, 123, 124, 144, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 166, 177, 182, 185, 186, 187, 188, 196, 207

D

Discurso 18, 52, 54, 60, 63, 65, 68, 70, 89, 93, 97, 98, 112, 113, 114, 115, 116, 125, 129, 144, 145, 146, 165, 178, 180, 187

Discurso da guerra 112, 115

Discursos circulantes 88, 93

E

Educomunicação 127, 144, 148, 149, 150, 153, 154

Energia elétrica 114, 145, 156, 157, 166, 167, 174

Era pós-massiva 67

Estratégia de guerra 114

Estratégias 17, 68, 75, 76, 84, 86, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 123, 125, 146, 159, 160, 162, 163, 165, 173, 178

Ética jornalística 7

F

Fake news 10, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 123, 124

Feminismo 57, 64, 66, 153

J

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 19, 24, 26, 29, 140, 144, 147, 148, 155, 189,

192, 194, 208

Jornalismo ambiental 144, 147, 148, 155

Jornalismo ético 11

L

Liberdade de expressão 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 60

Liberdade de imprensa 7, 10

Liberdade de informação 7

Linguagem 8, 14, 15, 16, 21, 23, 29, 30, 31, 60, 65, 116, 119, 125, 126, 127, 129, 130, 132, 144, 153, 164, 169, 171, 183, 184, 187, 192

Linguagem radiofônica 129, 130

M

Marketing 68, 69, 74, 79, 92, 99, 100, 102, 104, 109, 110, 114, 115, 116, 133, 156, 157, 158, 159, 166, 173, 174, 175

Meios de comunicação 2, 12, 26, 67, 69, 88, 133, 146, 156

Mídias 2, 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 19, 69, 98, 122, 123, 124, 125, 127, 132, 133, 148, 156, 164, 165, 206

Mídias na escola 124

Mídias sociais 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 19, 69, 133, 156, 164, 165

Modernidade 26, 59, 66, 90, 144, 150, 151, 154

N

Notícia 4, 10, 11, 14, 18, 125, 145

Novas tecnologias 1, 3, 126

O

Odete Pacheco 134, 135, 138, 140, 141, 142, 143

Opinião pública 9, 12, 22, 88, 89, 147, 162

Orna 75, 76, 77, 83, 84, 85, 86, 87

P

Packaging 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111

Plataforma digital 30

Política 1, 2, 8, 9, 11, 33, 36, 38, 40, 41, 50, 57, 59, 66, 113, 114, 118, 123, 124, 127, 151, 153, 160, 162, 164, 180, 190, 191, 195

Pós-modernidade 26, 144, 150, 154

Pós-verdade 2, 14

Produção radiofônica 122, 131

Publicidade da Vivo 67

R

Rádio 4, 7, 29, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

Rádio como ferramenta pedagógica 123

Redes sociais 7, 8, 9, 10, 12, 13, 16, 22, 32, 33, 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 69, 124, 126, 128, 146

Ressignificação 67

S

Semiótica 14, 15, 16, 20, 22, 23, 208

Sex and the city 75, 76, 79, 81, 85, 86

Socioambiental 144, 148, 149, 150, 154

Surdo 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 188

T

Tecnologias da informação e comunicação 122, 123

U

UTI 198, 199, 202, 203, 206

W

Web-rádio escola 122, 123, 125, 128

Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação: Meios e Mídias no Contexto da Pós-Verdade

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 